

## Percepção do *bullying* com adolescentes em diferentes contextos escolares

### *Bullying* perception of adolescents in different school contexts

Francisco Ubaldo Vieira Junior<sup>1\*</sup>

---

#### RESUMO

O *bullying* é um ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coação, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. É um problema ainda presente na vida dos jovens, principalmente no ambiente escolar. O objetivo desse trabalho foi analisar as diferenças percebidas por estudantes do ensino médio e técnico quanto aos motivos das vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-las, em diferentes contextos educacionais. Utilizou-se de um questionário adaptado do modelo “Peer Victimization Scale” de Mynard e Joseph (2000) e duas perguntas relacionadas a vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-lo. As respostas da pergunta 1 foram categorizadas em: minha culpa, culpa do outro e naturalização. As respostas da pergunta 2 foram categorizadas em: auxílio individualizado, sensibilização, punição, supervisão e nada a fazer. Os resultados categorizados foram relacionados aos dados quantitativos de vitimização. Concluiu-se que as respostas classificadas dos estudantes foram diferentes e relacionadas aos contextos educacionais.

**Palavras-chave:** Vitimização; *Bullying*; Adolescentes; Escolas.

---

#### ABSTRACT

Bullying is a systematic aggressive act, involving threat, intimidation, or coercion, practiced against someone, by an individual or a group of people. It is a problem still present in the young live, especially in the school environment. The aim of this work was to analyze the differences perceived by students at high school and vocational regarding the reasons for victimization by bullying and measures to minimize them, in different educational contexts. It was used a questionnaire adapted from the “Peer Victimization Scale” model by Mynard and Joseph (2000) and two questions related to victimization by bullying and measures to minimize it. The answers to question 1 were categorized into: my fault, the other's fault and naturalization. The answers to question 2 were categorized into: individualized help, sensitization, punishment, supervision and nothing to do. The categorized results were related to quantitative victimization data. It was concluded that the student's classified answers were different and related to the educational contexts.

**Keywords:** Victimization; Bullying; Teenagers; Schools.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

\*E-mail: ubaldo@ifsp.edu.br

## INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente de aprendizado, de socialização e construção da autonomia e identidade. Pode também ser um espaço de produção da violência, onde o *bullying* expõe os escolares a condições de vulnerabilidade tendo como determinantes as variáveis individuais, familiares, escolares e socioculturais (MELLO et al., 2017).

O *bullying* é considerado um fenômeno comum, especialmente entre os estudantes (BAUER et al, 2007; REZAPOUR et al, 2014). Muitas vezes é apontado erroneamente como parte do desenvolvimento dos jovens, sempre presente no ambiente escolar, naturalizando o fenômeno (CHAVES & SOUZA, 2018).

Costuma ocorrer entre colegas de forma deliberada, com agressões físicas, verbais e psicológicas. É um tipo de violência que persiste ao longo do tempo, ocorrendo em decorrência do desequilíbrio de poder em favor dos agressores (OLWEUS, 2013; REZAPOUR et al., 2014; WANG et al., 2009). Tem implicações na autoestima: para os meninos está relacionada ao desempenho pessoal, enquanto para as meninas, a autoestima fica suscetível a opinião das amigas (BANDEIRA & HUTZ, 2010).

As vítimas frequentemente sofrem uma série de efeitos negativos, podendo ser associados ao *bullying*: depressão, ansiedade, solidão, relações sociais de baixa qualidade, comportamentos infracionais, indisciplina, reprovação escolar, evasão, uso de álcool e drogas, automutilação e suicídio (LEE, 2021; KIM & YUN, 2016; ZHU & CHAN, 2015; BENEDICT et al., 2014; HINDUJA & PATCHIN, 2018). Podem apresentar sentimento de culpa, baixa autoestima e com agravante de não buscarem redes de apoio (BOULTON & BOULTON, 2017).

Alguns tipos de *bullying* ocorrem mais frequentemente em relação ao gênero do que outros. Estudos demonstraram que ocorreram, com maior prevalência, o *bullying* físico no gênero masculino e o social no feminino (VIEIRA JR et al., 2020; STUBBS-RICHARDSON et al., 2018), porém apresentaram resultados controversos no *cyberbullying* (SALMON et al., 2018).

Esse panorama é complexo e consiste em desafio para os profissionais da educação, psicologia e saúde, bem como para o desenvolvimento de políticas públicas, tendo em vista sua alta prevalência e as repercussões na escolaridade, no desenvolvimento psicossocial e nas condições de saúde dos indivíduos (BENEDICT et al., 2014; SILVA & RESENDE, 2017).

No Brasil, a aplicação de punições é permitida legalmente (BRASIL, 2018) em casos de *bullying*, conforme medidas aplicáveis para instituições de ensino, porém é importante evitar o uso da punição como medida de intervenção *anti-bullying*, e sim usar alternativas para promover a cidadania, capacidade empática, respeito e fortalecer os marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua (SILVA & BORGES, 2018).

O envolvimento e apoio efetivo de educadores são fundamentais para promoção da segurança nos ambientes escolares, onde comportamentos de perpetração sejam desestimulados, com decréscimo das vitimizações (WINNIE et al., 2018).

Na implementação das práticas de intervenções, deve-se avaliar previamente a natureza, presença e frequência de *bullying* para verificar as manifestações específicas, pois um programa pode ser viável em um dado ambiente e não em outro. Os comportamentos não se manifestam da mesma maneira em diferentes países, regiões, culturas ou escolas, sendo fundamental analisar quais componentes são mais eficientes para redução da vitimização e perpetração do *bullying* (GAFFNEY et al., 2019).

O objetivo desse trabalho foi analisar as diferenças percebidas pelos estudantes quanto aos motivos das vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-las, em diferentes contextos educacionais.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo misto, descritivo, transversal, direcionado a adolescentes escolares matriculados em escolas públicas e privadas nos períodos matutino, vespertino e noturno, nas séries do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e 1º ao 4º Módulo do ensino técnico concomitante/subsequente.

Consideraram-se como critérios de inclusão: o indivíduo com idade entre 14 e 19 anos, regularmente matriculado nas séries acima descritas e que se encontrava presente na sala de aula no momento da coleta de dados. Estabeleceu-se como critério de exclusão: ter mais de 19 anos de idade.

Selecionaram-se, por conveniência, duas escolas públicas (E1 e E4) e duas, privadas (E2 e E3), totalizando 968 estudantes matriculados com os seguintes cenários de coleta de dados:

E1 – Escola pública federal gratuita, com cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino, com 192 estudantes matriculados, sendo que

73 (38,0%) participaram da pesquisa, 31 (42,5%) se auto declararam da cor branca e 32 (43,8%) do gênero masculino com média de idade de  $16,2 \pm 0,8$  anos. Forma de ingresso do estudante: análise de currículo. Tempo de funcionamento da instituição escolar: quatro anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: presente. Professores em regime de dedicação exclusiva;

E2 – Escola particular, com cursos de Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino, com 254 estudantes matriculados sendo que 60(23,6%) participaram da pesquisa, 57 (95,0%) se auto declararam da cor branca e 19 (31,6%) do gênero masculino com média de idade de  $16,1 \pm 1,06$  anos. Forma de ingresso dos estudantes: matrícula paga. Tempo de funcionamento de instituição escolar: 105 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas;

E3 – Escola particular confessional católica, com cursos de Ensino Médio no período matutino, com 153 estudantes matriculados sendo que 34 (22,2%) participaram da pesquisa, 28 (82,3%) se auto declararam da cor branca e 13 (47,1%) do gênero masculino com média de idade de  $16,9 \pm 0,97$  anos . Forma de ingresso na instituição: matrícula paga. Tempo de funcionamento: 66 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas;

E4 – Escola pública estadual gratuita, com cursos técnicos concomitantes ou subsequentes ao Ensino Médio, com cursos modulares (seis meses cada módulo) no período noturno, com 522 estudantes matriculados sendo que 108 (20,7%) participaram da pesquisa, 54 (50, %) se auto declararam da cor branca e 80 (74,1%) do gênero masculino com média de idade de  $17,7 \pm 2,2$  anos. Forma de ingresso na instituição: prova escrita de seleção. Tempo de funcionamento: 35 anos. Núcleo sociopedagógico estruturado: ausente. Professores pagos conforme atividades realizadas.

Convidou-se todos os alunos a participarem da pesquisa no período entre agosto e setembro de 2019. Coletaram-se os dados por meio de questionário contendo blocos de perguntas estruturadas da seguinte forma:

Bloco 1: com perguntas relacionadas a dados gerais e familiares;

Bloco 2: com perguntas relacionadas à escola, amigos, professores e autoimagem.

Bloco 3: com perguntas sobre vitimização por *bullying* adaptadas do instrumento Peer Victimization Scale (PVS) (MYNARD & JOSEPH, 2000) e ao *cyberbullying* (RASKAUSKAS & STOLTZ, 2007).

Bloco 4: com duas perguntas abertas:

Pergunta 1 – Relacionada aos motivos da vitimização: “No seu entendimento, quais os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis para com você na escola?”.

Pergunta 2 – Relacionada a ações a serem adotadas na escola para mitigar a vitimização: “Na sua opinião que medidas poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos desagradáveis na sua escola?”.

Analisaram-se e individualizaram-se os resultados das perguntas 1 e 2 sendo as mesmas constituídas por palavras, expressões e frases dos participantes e agrupadas por semelhanças segundo o significado mais representativo relacionado a cada pergunta. Utilizou-se, para a análise, o referencial teórico de Bardin, sendo realizados a pré-análise, exploração e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados.

Inseriram-se os dados, após a coleta, em uma planilha do programa Excel 2016 (Microsoft).

Relacionou-se os dados qualitativos das perguntas abertas categorizadas (bloco 4) com os resultados quantitativos obtidos dos demais blocos (1, 2 e 3). Realizou-se a análise estatística com o auxílio do programa BioEstat 5.2, sendo utilizados os testes exato de Fischer, qui-quadrado e o teste G para a análise da tabela de contingência e o teste de Kruskal-Wallis para a comparação entre médias. Considerou-se, para todos os resultados, o nível de significância estatística de 5 % ( $p < 0,05$ ).

Seguiram-se os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sendo a pesquisa aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa sob Parecer substanciado nº 3.596.416.

## **RESULTADOS**

Classificou-se, na categoria 1 (motivos), relacionada a pergunta aberta 1: “No seu entendimento, quais os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis para com você na escola?” e na categoria 2 (medidas), relacionada a pergunta aberta 2: “Na sua opinião que medidas poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos desagradáveis na sua escola?”, em palavras, expressões e frases dos participantes e agrupadas por similitude segundo o significado mais representativo, sendo consideradas aquelas relacionadas à vivência dos estudantes na escola e sua relação com a vitimização.

A tabela 1 mostra a classificação das respostas dos estudantes agrupadas por categorias.

**Tabela 1** - Distribuição das respostas dos estudantes classificadas na categoria 1 (sobre os motivos que levaram os outros a adotarem comportamentos desagradáveis) e na categoria 2 (sobre as medidas que poderiam ser adotadas para diminuir esses comportamentos), agrupadas por escola.

Categoria 1	Frequência				
	Total (275)	E1 (73)	E2 (60)	E3 (34)	E4 (108)
Problema sou eu	54	16	10	14	14
Problema é o outro	74	15	24	8	27
Naturalização do <i>bullying</i>	16	8	1	1	6
Não ocorreu comigo	31	7	9	5	10
Não responderam (branco)	62	14	9	3	36
Respostas invalidadas	38	14	7	3	14
Porcentagem de respostas válidas	82,2	76,7	86,3	90,3	80,3
<b>Categoria 2</b>					
Auxílio individualizado	46	13	22	2	9
Sensibilização	87	29	14	13	31
Punição	37	5	7	6	19
Supervisão	15	3	6	5	1
Nada a fazer	11	3	1	2	5
Não responderam (branco)	29	4	1	0	24
Respostas invalidadas	50	16	8	6	20
Porcentagem de respostas válidas	71,3	72,6	84,7	82,4	59,6

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2022

Foram desconsideradas as respostas em branco bem como as inválidas, onde não se observaram significados relacionados aos motivos (pergunta 1) e as medidas a serem adotadas (pergunta 2), tais como reclamações e insatisfações dos respondentes.

Prevaleram-se na categoria 1, as seguintes classificações:

Problema sou eu - caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito que sofreu agressão relacionou o motivo a um comportamento seu ou inadequações em suas atitudes indicando que a culpa da vitimização foi da própria vítima (minha culpa).

Refletem os excertos dos estudantes relacionados à classificação o problema sou eu (culpa) a relevância do tema.

*[...] eu sou uma pessoa fora do padrão de beleza ou até mesmo por ter características físicas (olhos, pele, tamanho e etc). (ID053)*  
*Não gostar de mim, do jeito que sou. (ID201).*  
*Acho que o fato de que por incrível que pareça eu sou um cara bem de boa com tudo, isso desagrada algumas pessoas. (ID465).*  
*[...] eu sou um pouco mais infantil e brincalhona. Pois eu usava óculos/tampão. (ID326).*

Problema é o outro (culpa do agressor) - caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relacionou o motivo da vitimização sofrida por ele a um comportamento exclusivo do agressor (culpa do agressor).

Algumas respostas foram representativas para essa classificação.

*[...] a pessoa que comete esse ato, muitas vezes pode ter problemas em casa ou pessoais (com ela mesma). Consequentemente, o indivíduo não sabe lidar com esses problemas e acaba descontando nos outros. (ID319).*  
*[...] isso é falta de atenção para o agressor. É como se ele precisasse disso para se aparecer. (ID461).*  
*[...] se sentem inferior e querem aumentar seu ego acabam inferiorizando outra pessoa para isso acontecer. (ID18).*

Naturalização do *bullying* – representou-se essa classificação pela banalização da ação sofrida por ele, considerando como normal ou apenas brincadeira.

Nessa classificação, algumas declarações dos estudantes que merecem destaque.

*[...] tapas e empurrões foram fracos e referindo-se a brincadeiras entre amigos, brincadeiras totalmente tranquilas para mim. (ID08).*  
*No caso de zombar considero normal, eu zombo e sou zombado e está tudo certo. (ID427).*  
*[...] não acontece, mas muitas vezes são por brincadeira. (ID409).*

Não tenho problemas – caracterizou-se pela descrição do sujeito de não ter ocorrido com ele comportamentos de vitimização.

Evidencia-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes.

*Não tive comportamento desagradáveis na escola direcionado a mim. Porém com colegas da escola houve um distanciamento por causa de ciúmes, mas o ocorrido foi fora da escola. (ID260).*  
*Nunca adotaram comportamentos desagradáveis contra mim. (ID315).*  
*[...] não ocorreu coisas desagradáveis comigo, porém na infância sofri muito bullying e nunca vou saber exatamente porquê. (ID460).*

Na categoria 2, foram prevalentes as seguintes classificações:

Auxílio individualizado – caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relatou, como medida para diminuir os comportamentos desagradáveis sofridos por ele, o acompanhamento individualizado externo e/ou por parte de profissionais da escola.

Refletem as respostas dos estudantes relacionados à essa classificação.

*Conversar sobre o assunto, disponibilizar atendimento a quem sofre e responsabilizar quem pratica [...]. (ID36).*

*[...] poderia ter um acompanhamento psicológico para quem sente a necessidade e para quem demonstra esses tipos de comportamento. (ID236).*

*Um funcionário fixo para atender particularmente problemas não relacionados a notas e sim emocional. Mais interação dos professores em nossas vidas a parte dos estudos [...]. (ID322).*

Sensibilização – representou-se, essa classificação, pelas respostas dos estudantes relacionadas a “conscientização” do *bullying* com propostas de debates, conversas e projetos relacionados ao tema.

Evidencia-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes.

*[...] os alunos devem promover projetos contra o bullying para que todos possam ter o conhecimento de como isso é ruim e faz mal para as outras pessoas. (ID46).*

*[...] palestras sobre a conscientização do problema, além de promover atividade em grupo. (ID241).*

*[...] palestras, rodas de conversas, grupos para conversar de bullying, inclusão das pessoas, os professores falarem sobre [...]. (ID318).*

Punição – caracterizou-se pelas expressões onde o sujeito relacionava as medidas para minimizar a vitimização sofrida associada a alguma forma de contenção ou repressão do agressor.

Observaram-se, nessa classificação, algumas declarações dos estudantes que merecem destaque.

*Ter mais punição contra as pessoas que praticam este ato. também ter algum local que possa ser denunciado esses atos, e a vítima, ficaria totalmente em anônimo. (ID18).*

*Punir pessoas que praticam o bullying. Maior atenção de funcionários e professores no ambiente escolar. (ID2015).*

*Punições mais severas com os praticantes, além de longas conversas com eles para tentar concentrar sobre isso. (ID547).*

Supervisão – caracterizou-se pelas expressões relacionadas ao monitoramento e acompanhamento dos estudantes no ambiente escolar.

Revela-se algumas respostas representativas para essa classificação.

*Maior Supervisão do Responsável da escola em relação a conduta indevida do outro. (ID02).*

*Maior atenção dos professores sobre comportamentos dentro e fora da sala de aula, e conversar com os agressores e agredidos sobre o (s) ocorrido (s). (ID214).*

*Um melhor acompanhamento da direção e dos professores. (ID307).*

Nada a fazer – caracterizou-se pela descrença dos participantes na existência do *bullying* e em qualquer medida que possa ser adota pela instituição escolar para diminuir a vitimização sofrida por ele.

Refletem as respostas dos estudantes relacionados à classificação *nada a fazer*.

*Nada. Deve-se deixar como está, pois até agora não foi notado nenhum caso sério de bullying em nossa escola a não ser brincadeiras entre amigos. (ID01).*

*Só mudando de ambiente. (ID21).*

*A escola devia participar mais da vida do aluno. Atualmente as escolas são inúteis quando se diz respeito a bullying. (ID467).*

A Tabela 2 mostra a média (desvio-padrão) das vitimizações dos estudantes distribuídas nas classificações das categorias 1 e 2, agrupadas por escola.

**Tabela 2** - Distribuição das médias (desvio-padrão) das vitimizações segundo as classificações por categoria, nas escolas.

Categoria 1	Geral	E1	E2	E3	E4
Problema sou eu	8,69(6,40)*	8,00(5,68)	5,00(3,65)	13,29(6,19)†	7,50(6,84)
Problema é o outro	5,84(5,03)	7,93(5,35)	4,75(4,44)	7,00(5,97)	5,30(4,92)
Naturalização do <i>bullying</i>	3,81(4,23)	2,57(3,73)	--	--	3,57(2,82)
Não ocorreu comigo	1,03(1,72)	0,71(1,49)	1,56(2,07)	0,80(1,79)	0,90(1,67)
Categoria 2					
Auxílio individualizado	4,22(4,82)	6,15(6,75)	3,77(3,98)	4,50(2,12)	2,44(3,08)
Sensibilização	4,84(5,74)	5,90(6,31)	3,07(2,13)	9,23(7,99)	2,81(3,81)
Punição	6,54(5,48)*	8,20(6,57)	5,88(6,01)	4,67(4,63)	7,00(5,45)†
Supervisão	4,87(6,81)	0,33(0,58)	6,33(4,46)	10,00(9,14)	--
Nada a fazer	10,12(6,28)*	12,00(3,46)	--	15,00(0,00)	7,40(6,21)†

\* $p < 0,05$ ; † $p < 0,01$

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2022

Os resultados da tabela 2 mostram que a média das vitimizações por *bullying* foram diferentes entre as escolas nas classificações das duas categorias. Na categoria 1, a classificação “problema sou eu” teve a maior média geral (8,69) de vitimizações das escolas. Entre as escolas, nessa mesma classificação, a escola E3 apresentou a maior médias de vitimizações (13,29).

Observa-se, na categoria 2, que as classificações “punição” (6,54) e “nada a fazer” (10,12) tiveram as maiores médias de vitimizações nas escolas.

A tabela 3 mostra a distribuição das classificações das respostas dos estudantes mais prevalentes quanto a vitimização, nas categorias 1 e 2, segundo escola e gênero auto declarado.

**Tabela 3** - Caracterização das classificações das respostas dos estudantes nas categorias 1 e 2 segundo as variáveis escola e gênero auto declarado.

Variáveis	Categoria 1												
	Problema sou eu				Problema é o outro				Naturalização do <i>bullying</i>				
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		P
	(n=54)		(n=121)		(n=74)		(n=101)		(n=16)		(n=159)		
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%		
<i>Escola</i>													
E1	16	35,6	29	64,4	15	33,3	30	66,7	8	17,8	37	82,2	0,048
E2	10	22,7	34	77,3	24	54,5	20	45,5	1	2,3	43	97,7	
E3	14	50,0	14	50,0	8	28,6	20	71,4	1	3,6	27	96,4	
E4	14	24,1	44	75,9	27	46,6	31	53,4	6	10,3	52	89,7	
<i>Gênero</i>													
Masculino	29	31,2	64	68,8	37	39,8	56	60,2	11	11,8	82	88,2	0,293
Feminino	25	30,5	57	69,5	37	45,1	45	54,9	5	6,1	77	93,9	
<i>Categoria 2</i>													
Variáveis	Auxílio Individualizado				Sensibilização				Punição				
	Sim		Não		Sim		Não		Sim		Não		P
	(n=46)		(n=150)		(n=87)		(n=109)		(n=37)		(n=159)		
	n	%	N	%	n	%	N	%	n	%	n	%	
<i>Escola</i>													
E1	13	24,5	40	75,5	29	54,7	24	45,3	5	9,4	48	90,6	0,036
E2	22	43,1	29	56,9	14	27,5	37	72,5	7	14,0	43	84,3	
E3	2	7,1	26	92,9	13	46,4	15	53,6	6	21,4	22	78,6	
E4	9	14,1	55	85,9	31	48,4	33	51,6	19	29,2	46	71,9	
<i>Gênero</i>													
Masculino	13	13,7	82	86,3	47	49,5	48	50,5	23	24,2	72	75,8	0,070
Feminino	33	32,7	68	67,3	40	39,6	61	60,4	14	13,9	87	86,1	

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2022

Os resultados da tabela 3 não mostraram diferenças estatisticamente significantes nas classificações da categoria 1, para gênero e cor. Mostraram diferenças nas classificações da categoria 1, relativa aos motivos que levaram os outros a vitimizarem. As duas classificações: “problema sou eu” e “naturalização do *bullying*”, mostraram diferenças entre as escolas, isto é, a escola E3 teve a maior proporção de estudantes que classificaram “problema sou eu” ( $p=0,048$ ) e na escola E1, maior proporção de “naturalização do *bullying*” ( $p=0,042$ ).

Na categoria 2, relacionada as medidas a serem adotadas para diminuir as vitimizações, nas três classificações: “auxílio individualizado”, “sensibilização” e “punição”, houve diferenças significantes nas proporções dos estudantes entre escolas. O auxílio individualizado foi prevalente na escola E2 ( $p=0,001$ ), a sensibilização, na escola E1 ( $p=0,034$ ) e a punição, na escola E4 ( $p=0,036$ ). O auxílio individualizado, como medida para minimizar a vitimização, foi prevalente no gênero feminino ( $p=0,002$ ).

As demais variáveis e classificações das categorias não mostraram significância estatística ( $p>0,05$ ).

A tabela 4 mostra a Regressão Logística Múltipla e a influência do gênero nas escolas relacionadas a categoria 2.

**Tabela 4** - Regressão Logística Múltipla da variável gênero associada as classificações e escolas, na categoria 2.

Variável	Auxílio individualizado			Variável	Sensibilização		
	p	OR	IC 95%		p	OR	IC 95%
<i>E1</i>				<i>E1</i>			
Gênero	0,048	0,199	0,04-0,99	Gênero	0,727	--	--
<i>E2</i>				<i>E2</i>			
Gênero	0,046	0,181	0,03-0,96	Gênero	0,013	7,82	1,54-39,69

**Fonte:** Elaborado pelo autor, 2022

Os resultados da tabela 4 mostraram que a medida para minimizar a vitimização classificada como “auxílio individualizado”, foram prevalentes para o gênero feminino nas escolas E1 e E2. Com 5 e 5,5 vezes mais chances, respectivamente, de responderem a essa classificação, como medida para minimizar o *bullying*.

Já a “sensibilização”, como medida para minimizar a vitimização, foi prevalente para o gênero masculino somente na escola E2. Com 7,8 vezes mais chances de responderem a essa classificação como medida para minimizar o *bullying*.

Na categoria 1 e demais classificações da categoria 2, não houve influência significativa nas chances de respostas para o gênero ( $p > 0,05$ ).

## DISCUSSÃO

Esse trabalho é produto de um estudo prévio sobre o *bullying* em adolescentes escolares. A primeira parte dos resultados (VIEIRA JR et al., 2020), abordou os tipos de vitimizações mais prevalentes nas escolas (E1, E2, E3 e E4), suas características e quantificação do *bullying*. O presente trabalho relacionou, nas mesmas escolas (E1, E2, E3 e E4), as respostas classificadas dos estudantes (duas perguntas: motivos e medidas para minimizar o *bullying*) com as médias das vitimizações e gênero.

Procurou-se nesse estudo escolas, convenientemente escolhidas, que apresentassem contextos educacionais distintos em uma cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil, de modo a identificar a percepção dos estudantes quanto a vitimização por *bullying* nos respectivos contextos educacionais.

Thornberg e Knutsen (2011), estudaram relatos de adolescentes escolares sobre os motivos do *bullying*. Identificaram cinco categorias principais: atribuição do agressor, atribuição da vítima, dos pares, da escola e da natureza humana/sociedade. Utilizaram pergunta aberta, não relacionada ao *bullying* sofrido pelo escolar respondente e também não investigaram as razões percebidas pelos estudantes. Identificaram que os adolescentes explicaram o *bullying* em termos individualistas com maiores atributos significantes ao agressor ou a vítima.

No presente estudo, 88,9% dos respondentes vitimizados tiveram as respostas classificadas em “o problema sou eu” (vítima) e “o problema é o outro” (agressor).

Vítimas de *bullying* podem ter visão negativa sobre a sua autoimagem e o sentimento de culpa pelo fato de se perceberem diferentes com relação aos outros (Fernandes, 2015) com correlações estatisticamente significantes entre vitimização e auto-culpabilização na escola (GRAHAM & JUVENON, 1998; SHELLEY & CRAIG, 2010).

O sentimento de culpa foi observado nesse trabalho, onde a maior média global de vitimizações por *bullying* das escolas na categoria 1, ficou na classificação “o problema sou eu” (8,69). Isto quer dizer que os estudantes que tiveram maior média de *bullying* foram os que declararam que essas vitimizações foram por culpa deles mesmos (vítimas). Já nos resultados individuais das escolas, notou-se que a escola E3 (13,29) apresentou a maior média de vitimizações e a escola E2 (5,00), a menor, nessa classificação. As duas eram escolas privadas, sendo a E3, confessional católica. Uma diferença encontrada foi que a escola E2, mesmo sem um núcleo sociopedagógico estruturado, estava em fase de implementação um programa anti-*bullying*, desenvolvido na própria escola.

A implementação de programas anti-*bullying* nas escolas cria a discussão sobre o assunto entre os estudante e professores. Pode haver, nesse contexto, clima escolar favorável e desestimulante ao *bullying* (WINNE et al., 2018; NICKERSON et al., 2014).

A escola E3 foi a que apresentou maiores médias globais de vitimização e maior proporção de respostas classificadas como “o problema sou eu” (auto-culpa). Diferentemente do trabalho de Schacter e Juvenon (2015), que indicou que os jovens vitimizados mostraram maiores aumentos nas atribuições caracterológicas de auto culpabilização em escolas onde a vitimização era menos comum, os autores não observaram o contexto escolar.

Dentre os estudantes que referiram vitimização, a menor média geral foi na classificação “naturalização do *bullying*” (3,81), somente nas escolas públicas: E1 (2,57) e E4 (3,57), as escolas privadas não mostram valores significantes. Apesar da média, só houve proporção estatisticamente significativa de estudantes da escola E1 que naturalizaram o *bullying*, sem distinção de sexo ou cor relatados. Destaca-se que a escola (E1) era a que possuía o núcleo sociopedagógico melhor estruturado, com psicólogos, assistente social e pedagogo, além de professores com dedicação exclusiva ao ensino e sem programa anti-*bullying* estabelecido.

A naturalização do *bullying* também foi observada em estudo de 11 escolas públicas brasileiras. Indicou que a violência tem se naturalizado e sido incorporada ao cotidiano dos estudantes como uma estratégia justificável e eficaz para a resolução de conflitos e enfrentamento de situações problema (OLIVEIRA et al., 2018). A naturalização pode estar relacionada a situações de violência familiar, vivenciadas pelos

estudantes (MALTA et al., 2019) e criam a sensação de que não há nada a se fazer diante dessas ocorrências (FRANCISCO, 2015).

O fato de a naturalização do *bullying* não ter sido observada nas escolas privadas, é um assunto que merece investigação.

Não houve diferença estatisticamente significativa ( $p > 0,05$ ) entre as escolas na classificação do motivo de vitimização: “problema é o outro”. Nesse contexto, diferenças no gênero ( $p = 0,54$ ) não foram observadas, o que difere de outros trabalhos que em condições hipotéticas de vitimização, as meninas atribuíram muito mais as causas do *bullying* ao agressor. (THORNBERG & KNUTSEN, 2011; GINI, 2008).

Na categoria 2, (relacionada a medidas que a escola poderia adotar para diminuir o *bullying*), as respostas dos estudantes foram classificadas em: “auxílio individualizado”, “sensibilização”, “punição”, “supervisão” e “nada a fazer”. Observou-se que 82,4% das respostas válidas mostraram preocupação dos estudantes em contribuir com propostas para minimizar o *bullying* nas escolas.

As respostas dos estudantes na classificação “punição”, como mecanismo para minimizar o *bullying*, tiveram significância estatística na média geral das vitimizações (6,54) e representaram 16,4% das respostas válidas (37). Destaca-se que as duas escolas públicas foram as que apresentaram as maiores médias de vitimização nessa classificação: E1 (8,20) e E4 (7,00), sendo essa última a que mostrou maior proporção significativa de estudantes ( $p = 0,036$ ) que responderam a “punição” como mecanismo para minimizar a vitimização.

No presente estudo, os números evidenciaram que poucos estudantes foram muito vitimizados, e apontaram sobre a necessidade de punição dos agressores por parte das instituições.

A escola E4 era a única com aulas no período noturno em cursos concomitante ou subsequentes, isto é, os estudantes tinham outras atividades nos períodos matutino e/ou vespertino e estavam na escola cursando somente os componentes técnicos profissionalizantes. Diferente do perfil das outras escolas, os estudantes da escola E4, incluídos na pesquisa, tinham a maior média de idade: 17,7 ( $p < 0,001$ ) e infere-se, maior comprometimento como a aprendizagem para a vida laboral. Ressalta-se que não foram incluídos nas respostas estudantes maiores de 19 anos e escolas com perfil noturno, tendem a ter estudantes com maior idade. Ao se analisar a idade média de todos os estudantes da escola (522) constatou-se média de idade de  $19,4 \pm 2,2$  anos. Isso significou

que os estudantes respondentes da pesquisa, apesar de estarem dentro dos critérios de inclusão, conviviam no ambiente escolar com estudantes com maior idade.

Estudo evidenciou que jovens com maior idade tiveram mais propensão a atacar com raiva seus perpetradores (REIJNTJES et al., 2010), indicando elementos de punição.

Ayres, et al. (2012), propuseram um modelo de intervenção com estratégias disciplinares (punição) com o objetivo de mitigar a vitimização, utilizada e adaptada em diversos programas anti-*bullying* (BAUER et al., 2007; BOWLLAN, 2011; OLWEUS, 1994).

As ações disciplinares como suspensão, retirar o estudante da sala de aula e chamar os pais tiveram bons resultados na redução da reincidência do *bullying*. Pesquisas mostraram que o clima escolar autoritário, em escolas do ensino médio, estavam significativamente associadas a menor vitimização dos estudantes (CORNELL et al., 2015) e que o clima escolar autoritário foi um componente importante na vitimização (MUCHERAH et al., 2018). Outros autores acreditam que os efeitos só possam ser observados no curto prazo (GONÇALVES et al., 2019) ou, quando em demasia, os resultados do clima escolar podem ficar severamente prejudicados (DE WET, 2013).

Os estudantes que referiram “nada a fazer” tiveram média geral de vitimizações de 10,12 e representaram 4,9% das respostas válidas, indicando descrédito na capacidade da instituição de promover alguma ação efetiva quanto ao *bullying* sofrido por eles. Apenas a escola E2, com programa anti-*bullying* em curso, não mostrou resultado estatisticamente significativo nessa classificação.

No Brasil, a legislação inclui a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, em especial a intimidação sistemática (*bullying*) no âmbito escolar, bem como o estabelecimento de ações para promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino (BRASIL, 2018). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), prevê punição diante de qualquer ação que prejudique a criança e ao adolescente, tanto por ação como por omissão, desde que provada (Brasil, 1990).

Apesar das escolas terem amparo legal para promover ações anti-*bullying*, os estudantes com alto grau de vitimização (e provável períodos longos de exposição), não perceberam ações institucionais concretas para conter a vitimização, gerando descrédito na capacidade da instituição em implementar ações para conter o *bullying*.

A proporção das respostas dos estudantes vitimizados, quanto a ações para minimizar a *bullying*, classificadas como “auxílio individualizado” e “sensibilização” foram estatisticamente significantes entre as escolas. A “sensibilização” foi prevalente para os estudantes da escola E1, sem diferença significativa quanto ao gênero. Já, na escola E2, a “sensibilização” foi prevalente para o gênero masculino com 7,8 vezes mais chances de escolherem essa classificação.

A proporção dos estudantes que classificaram “auxílio individualizado”, como medida para minimizar a vitimização, foi prevalente na escola E2, mas quando considerado o gênero, as escolas E1 e E2 mostraram que o gênero feminino apresentou 5,0 e 5,5 vezes mais chances de escolherem essa classificação.

Inferese-se que a “sensibilização”, classificada pelos estudantes, estava relacionada a tentativa de conscientizar, em especial, os agressores quanto aos possíveis problemas que o *bullying* pode trazer as vítimas. Foi indicativo de possíveis estratégias para auxiliar na prevenção, a partir do fortalecimento coletivo. Já o “auxílio individualizado”, indicou estratégias relacionadas ao fortalecimento individual.

Os adolescentes escolares não podem lidar sozinhos com as situações que envolvem o *bullying*, o que afeta negativamente seu estado psicológico com consequências negativas na vida adulta e para a construção de um programa anti-*bullying* devem ser consideradas suas características individuais (PANFILOVA et al., 2021).

Apesar da abundância de programas de prevenção ao *bullying*, a maioria deles não é universal e podem ser insuficientes para detectar suas manifestações em diferentes culturas, países, regiões, comunidades e escolas (GAFFNEY et al., 2019).

### ***Limitações do estudo.***

O presente estudo teve como proposta realizar uma avaliação preliminar da influência do contexto educacional e social no ambiente escolar. Buscou-se, baseado na percepção do pesquisador, escolas distintas, que pode ser caracterizado como uma limitação, pois esses contextos não foram representados de forma adequada e quantificável. Outro ponto de destaque foi que, apesar de todos os estudantes das escolas terem sido convidados a responder o questionário, somente alguns concordaram. Nesse sentido, pode ter ocorrido viés nas respostas pelo fato de os estudantes sentirem a necessidade de “contar” para alguém as vitimizações ocorridas, fato esse indicado pelo “auxílio individualizada” classificado pelos estudantes.

Os resultados do presente trabalho podem ser interpretados como um possível guia para avaliação individual de escolas que pretendem implementar programas anti-*bullying* e avaliar como os estudantes percebem a vitimização e como minimizá-la. O autor acredita que estudos abrangentes poderão revelar elementos mais fundamentados das diferenças entre os contextos educacionais. Recomenda-se ainda que esses estudos caracterizem quantitativamente os contextos educacionais de modo a comparar os resultados de forma mais objetiva.

## CONCLUSÃO

Com base na percepção dos estudantes vitimizados de escolas com contextos educacionais e sociais distintos, infere-se algumas conclusões e contribuições no combate ao *bullying* escolar.

Houve diferenças significantes percebidas pelos estudantes quanto aos motivos das vitimizações por *bullying* e medidas para minimizá-las, nos diferentes contextos educacionais analisados.

Os estudantes que tiveram a maior médias de vitimizações foram os que associaram a eles mesmos (auto culpa) os motivos de estarem sofrendo o *bullying*. A escola E3 teve maior quantidade de vitimizações relacionada a “o problema sou eu” e o fato de ser uma instituição confessional, não minimizou o *bullying* referido pelos estudantes.

Os estudantes com as maiores médias de vitimizações referiram duas classificações, relacionadas as instituições, que merecem atenção: punição e descrédito em ações que pudessem ser feitas pela instituição para mitigar o *bullying*. Destaca-se maior prevalência na escola E4 com cursos concomitantes/subsequêntes e estudantes com maior idade.

As ações institucionais para minimizar o *bullying*: supervisão, sensibilização e auxílio individualizado, não tiveram associação estatística com a quantidade de vitimizações. Quando analisada a proporção dos respondentes, a “sensibilização” foi prevalente na escola E1 e o “auxílio individualizado” na escola E2 e que o gênero dos respondentes mostrou diferenças de percepção quanto as ações institucionais para mitigar o *bullying* entre as escolas.

Ressalta-se que o programa anti-*bullying* da escola E2 reduziu as vitimizações, mesmo em fase inicial de implantação e que a presença de um núcleo sócio pedagógico estruturado nas escolas, isolado de outras ações, não garantiu menores vitimizações em comparação com as demais escolas onde esse núcleo estava ausente.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, M.; HUTZ, S. As implicações do bullying na autoestima dos adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 131-138, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>.
- BAUER, N.; LOZANO, P.; FREDERICK P.; RIVARA, F. The Effectiveness of the Olweus Bullying Prevention Program in Public Middle Schools: A Controlled Trial. **Journal of Adolescent Health**, v. 40, n. 3, p. 266-27, 2007. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.10.005>.
- BENEDICT, F.; VIVIER, P.; GJELSVIK, A. Mental Health and Bullying in the United States Among Children Aged 6 to 17 Years. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 30, n. 5, p. 782-795, 2014. <https://doi.org/10.1177/0886260514536279>.
- BOWLLAN, N. Implementation and evaluation of a comprehensive, school-wide bullying prevention program in an urban/suburban middle school. **J Sch Health**, v. 81, p. 167-173, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2010.00576.x>.
- BOULTON, M.; BOULTON, L. Modifying self-blame, self-esteem, and disclosure through a cooperative cross-age teaching intervention for bullying among adolescents. **Violence and Victims**, v. 32, n. 4, p. 609-626, 2017. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VVD-15-00075>.
- BRASIL. LEI FEDERAL Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BRASIL. LEI FEDERAL Nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=1&data=15/05/2018&totalArquivos=78>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- CHAVES, D.; SOUZA, M. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Rev Bras Educ**, v. 23, e230019, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782018230019>.
- CONNELL, N.; EL SAYED, S.; REINGLE GONZALEZ, J.; SCHELL-BUSEY, N. The intersection of perceptions and experiences of bullying by race and ethnicity among middle school students in the United States. **Deviant Behavior**, v. 36, n. 10, p. 807-822, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.11.012>.
- FERNÁNDEZ, R.; GUERREIRO, R. Competências socioemocionais e bullying em adolescentes. **INFAD Revista de Psicología**, v. 2, n. 1, p. 243-252, 2015. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2015.n2.v1.339>.

- FRANCISCO, M.; COIMBRA, R. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estud. psicol.**, n. 20, v. 3, p. 184-195, 2015. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150020>.
- GAFFNEY, H.; TTOFI, M. FARRINGTON, D. Evaluating the effectiveness of school-bullying prevention programs: An updated meta-analytical review. **Aggress Violent Behav**, n. 45, p. 111-113, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.001>.
- GINI, G. Italian elementary and middle school students' blaming the victim of bullying and perception of school moral atmosphere. **The Elementary School Journal**, v. 108, p. 335–354, 2008. <https://doi.org/10.1086/528975>.
- GONÇALVES, F.; CARDOSO, N.; ARGIMON, I. C. Estratégias de intervenção para adolescentes em situações de bullying escolar: uma revisão sistemática. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 2, p. 1-9, 2019. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.12>.
- GRAHAM, S.; JUVONEN, J. Self-blame and peer victimization in middle school: An attributional analysis. **Developmental Psychology**, v. 34, p. 587-599, 1998. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.34.3.587>.
- HINDUJA, S.; PATCHIN, J. Connecting Adolescent Suicide to the Severity of Bullying and Cyberbullying. **J Sch Violence**. V. 18, n. 3, p. 333-346, 2018. <https://doi.org/10.1080/15388220.2018.1492417>.
- KIM, S.; YUN, I. Bullying among South Korean adolescents: Prevalence and association with psychological adjustment. **Violence and Victims**, v. 31, n. 1, p. 167–184, 2016. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00138>.
- LEE, J. Pathways from Childhood Bullying Victimization to Young Adult Depressive and Anxiety Symptoms. **Child Psychiatry & Human Development**, v. 52, p. 129-140, 2021. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-00997-4>.
- MALTA, D.; ANTUNES, J.; PRADO, R.; ASSUNÇÃO, A.; FREITAS, M. Factors associated with family violence against adolescents based on the results of the National School Health Survey (PeNSE). **Cien Saude Colet**, v. 24, p. 1287-1298, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15552017>
- MELLO, F. C. et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 22, n. 9, p. 2939-2948, 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>.
- MYNARD, H.; JOSEPH, S. Development of the multidimensional peer-victimization scale. **Aggress Behav**, v. 26, n. 2, p. 166-178, 2000. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(2000\)26:23.0.CO;2-A](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(2000)26:23.0.CO;2-A)
- MUCHERAH, W.; FINCH, H.; WHITE, T.; THOMAS, K. (2018). The relationship of school climate, teacher defending and friends on students' perceptions of bullying in high school. **Journal of Adolescence**, v. 62, p. 128-139, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.11.012>
- NICKERSON, A. B.; SINGLETON, D.; SCHNURR, B.; COLLEN, M. H. Perceptions of school climate as a function of bullying involvement. **Journal of Applied School Psychology**, v. 30, n. 2, p. 157–181, 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/15377903.2014.888530>.

- OLIVEIRA, A. et al. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 3, p. 751-761, 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018233.10092016>
- OLWEUS, D. Annotation: Bullying at school: Basic facts and effects of a school based intervention program. **Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines**, v. 5, n. 7, p. 1171-1190, 1994. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>
- OLWEUS, D. (2013). School Bullying: development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 9, n. 7, p. 751-780, 2013. <https://doi.org/10.1146/annurevclinpsy-050212-185516>.
- PANFILOVA, V.; PANFILOV, A.; GERASIMOVA, Y.; ENINA, Y. Adolescent Bullying Prevention Program in Educational Institutions: From Comprehensive Research to Modification, **Journal of Social Studies Education Research**, v. 12, n. 3, p. 343-367, 2021.
- RASKAUSKAS, J.; STOLTZ, D. Involvement in Traditional and Electronic Bullying Among Adolescents. **Dev Psychol**, v. 43, n. 3, p. 564-575, 2007. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.3.564>
- REIJNTJES, A.; KAMPHUIS, J.; PRINZIE, P.; TELCH, M. Peer victimization and internalizing problems in children: A meta analysis of longitudinal studies. **Child Abuse and Neglect**, v. 34, p. 244– 252, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.07.009>.
- REZAPOUR, M.; SOORI, H.; KHODAKARIM, S. Epidemiological Pattern of Bullying Among School Children in Mazandaran Province, Iran. **Arch Trauma Res.**, v. 3, n. 4, e22551, 2014. <https://doi.org/10.5812/atr.22551>.
- SALMON, S.; TURNER, S.; TAILLIEU, T.; FORTIER, J.; AFIFI, T. Bullying victimization experiences among middle and high school adolescents: Traditional bullying, discriminatory harassment, and cybervictimization. **J Adolesc.**, v. 63, p. 29-40, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.005>.
- SCHACTER, H.; JUVONEN, J. The Effects of School-Level Victimization on Self-Blame: Evidence for Contextualized Social Cognitions. **Dev Psychol**, v. 51, n. 6, p. 841-847, 2015. <https://doi.org/10.1037/dev0000016>.
- SHELLEY, D.; CRAIG, W. Attributions and coping styles in reducing victimization. **Canadian Journal of School Psychology**, v. 25, p. 84-100, 2010. <https://doi.org/10.1177/0829573509357067>
- SILVA, L.; REZENDE, M. Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 615-627, 2017. <https://doi.org/10.5902/1984686X28082>.
- SILVA, O.; BORGES, S. Bullying nas escolas. **Direito e Realidade**, v. 6, n. 5, p. 27-40, 2018. Disponível em: <http://fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/view/1279/887>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- STUBBS-RICHARDSON, M.; SINCLAIR, H.; GOLDBERG, R. et al. Reaching Out versus Lashing Out: Examining Gender Differences in Experiences with and Responses to Bullying in High School. **Am J Crim Just**, n. 43, p. 39–66, 2018. <https://doi.org/10.1007/s12103-017-9408-4>.

- THORNBERG, R.; KNUTSEN, S. Teenagers' Explanations of Bullying. **Child Youth Care Forum**, v. 40, p. 177–192, 2011. <https://doi.org/10.1007/s10566-010-9129-z>.
- VIEIRA JR, F.; VIEIRA, K.; MORETTI, A. Bullying com adolescentes escolares em diferentes contextos educacionais. **Rev. enferm. UFPE**, v. 14, p. 1-9, 2020. <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.243622>.
- WANG, J.; IANNOTTI, R.; NANSEL, T. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **Journal of Adolescent Health**, v. 45, n. 4, p. 368-375, 2009. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>.
- DE WET, C. Educators' perspectives on risk factors for learner-nonlearner bullying. **Opvoeders se perspektiewe oor risiko-faktore vir leerder-op-leerder afknouery**, v. 78, n. 3, p. 1–9, 2013. <http://dx.doi.org/10.4102/koers.v78i3.455>.
- WOLKE, D.; LEREYA, S. Long-term effects of bullying. **Arch Dis Child**, v. 100, n. 9, p. 879–885, 2015. <http://dx.doi.org/10.1136/archdischild-2014-306667>.
- WINNIE, M.; HOLMES, F.; TAYLOR, W.; KENDRA, T. The relationship of school climate, teacher defending and friends on students' perceptions of bullying in high school. **Journal of Adolescence**, v. 26, p. 128–139, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.11.012>.
- ZHU, Y.; CHAN, K. Prevalence and correlates of school bullying victimization in Xi'an, China. **Violence and Victims**, v. 30, n. 4, p. 714–732, 2015. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-14-00006>.

*Recebido em: 21/09/2022*

*Aprovado em: 25/10/2022*

*Publicado em: 03/11/2022*